

SIMON WINCHESTER

O homem que amava a China

*A fantástica história do excêntrico cientista que
desvendou os mistérios do Império do Centro*

Tradução

Donaldson M. Garschagen



Copyright © 2008 by Simon Winchester

Todos os direitos mundiais reservados a Barnhill Press Ltd.

Fotografias cedidas pelo Needham Research Institute

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The man who loved China — The fantastic story of the eccentric scientist who unlocked the mysteries of the Middle Kingdom

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Imagem de capa

© Bettmann/Corbis/LatinStock

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Veridiana Maenaka

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Winchester, Simon

O homem que amava a China : a fantástica história do excêntrico cientista que desvendou os mistérios do Império do Centro / Simon Winchester ; tradução Donaldson M. Garschagen — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : The man who loved China.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1551-8

1. Cientistas - Grã-Bretanha - Biografia 2. Ciência - China - História 3. Needham, Joseph, 1900-1995 - Ciência e civilização na China
1. Título.

09-09281

CDD-509.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Grã-Bretanha : Cientistas : Biografia 509.2

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Nota do autor	9
Prólogo	11
1. O bárbaro e o celestial	24
2. Trazendo calor no meio da nevasca	88
3. A descoberta da China.	134
4. As recompensas do desassossego	180
5. A realização da obra-prima	225
6. <i>Persona non grata</i> : a inevitável queda em desgraça	265
7. A Porta da Honra	288
Epílogo: Sem pressa, sem medo	335
Apêndice I: Invenções e descobertas chinesas com a data da primeira menção.	352
Apêndice II: Estados, reinos e dinastias da China (Principais estados unificados em maiúsculas)	365

Agradecimentos.....	367
Sugestões de leitura	373
Índice remissivo.....	383

Prólogo

SOBRE O VOO E A AERODINÂMICA

Alguém consultou o Mestre [Ge Hong] sobre os princípios usados pelo homem para elevar-se a alturas perigosas e viajar pelo espaço imensurável. O Mestre disse: “Houve quem tenha feito carros voadores da madeira obtida da parte interna da jujuba, usando tiras de couro de boi presas a pás móveis, de modo a pôr a máquina em movimento”.

Bao Pu Zi, 320 d. C.

Science and civilisation in China, volume IV, parte 2

O maltratado Douglas C-47 Skytrain da China National Aviation Corporation, com a fuselagem marrom cheia de cicatrizes de projéteis e mossas, desceu chacoalhando entre nuvens carregadas, com o piloto acompanhando as curvas suaves do rio Yangzi até avistar à sua frente o campo de pouso numa língua de areia e, à sua esquerda, as ribanceiras da capital da China.

O piloto perdeu altitude com rapidez, para o caso de haver caças japoneses à espreita atrás das nuvens escuras, determinou sua posição pelas baterias de canhões antiaéreos que protegiam a pista e alinhou o avião entre as fileiras de tambores de óleo, pintados de vermelho e branco, que serviam de balizas. Ajustou os flapes, reduziu a potência dos dois motores, fez uma careta quando o avião sacudiu um pouco devido a uma repentina tesoura de vento e, por fim, pousou pesadamente sobre o antigo leito de rio que funcionava como principal aeródromo do país. Freou, deu meia-volta e seguiu, passando por esquadrilhas de caças americanos e chineses, em direção aos fulgurantes galpões semicirculares de ferro galvanizado que serviam como terminal, diminuiu a velocidade e parou.

Um sargento do Exército britânico esperava, sozinho, ao lado do reboque de bagagem. Assim que as hélices pararam de girar, a porta traseira da aeronave se abriu e dois mecânicos puseram a escada improvisada no lugar, ele subiu para receber os dois passageiros do avião.

O primeiro a aparecer foi um militar fardado, tal como ele, embora fosse oficial e muito mais velho. O outro, visivelmente o mais importante da dupla e com certeza a pessoa que ele tinha sido incumbido de buscar, era um homem bem alto, de óculos, com ar de intelectual e muito sério, de cabelos castanho-escuros lisos e espessos. Saiu apertando os olhos por causa do sol forte, claramente surpreso com o calor repentino que envolvera a cidade nas duas semanas anteriores como uma manta fumegante.

Assim que o visitante, usando uma camisa cáqui e calção largo de uniforme de militar de faxina e levando algo como uma surrada pasta de couro, pisou na pista, o motorista se pôs em posição de sentido e bateu continência.

“Boa tarde, dr. Needham”, gritou, sobre o ruído provocado

pelo descarregamento do avião. “Bem-vindo a Chungking. Bem-vindo ao centro da China.”

Era o meio da tarde do domingo 21 de março de 1943, e Noël Joseph Terence Montgomery Needham, jovem e ousado cientista tão conhecido em seu país — a Inglaterra — quanto nos Estados Unidos por combinar o brilho acadêmico e importantes trabalhos como biólogo com uma estudada excentricidade, acabava de chegar a esse perigoso posto avançado para uma missão de guerra essencial.

Sua viagem tinha durado muito tempo. Três meses antes, ele dera a largada ao sair de Cambridge, a 13 mil quilômetros de distância, num trem a vapor. Depois seguira para leste num navio de carga que saiu de Tilbury, evitando ataques do Eixo o tempo todo, em direção ao Oriente via Lisboa, Malta, canal de Suez e Bombaim, e por fim dando uma volta em torno da Índia até o porto de Calcutá. Ali, no fim de fevereiro, tomara um avião da Força Aérea americana que o levou através das geleiras e picos do Himalaia até o coração da China.

Agora ele tinha chegado à capital — pelo menos a capital da parte do país que permanecia livre dos invasores japoneses — e estava ansioso para começar seu trabalho. A missão de Joseph Needham era importante o suficiente para que o governo britânico lhe garantisse uma escolta armada: o passageiro que viera com ele no avião, um homem chamado Pratt, era emissário do rei e tinha sido encarregado por Londres de fazer com que Needham chegasse são e salvo a seu destino final — a embaixada de Sua Majestade britânica na República da China.

A dupla começou a caminhada para a cidade. Primeiro atravessaram uma precária ponte flutuante estendida sobre botes ancorados no caudaloso Yangzi. Estavam acompanhados do motorista do embaixador e de um pequeno grupo de *ban-ban*, carregadores musculosos que penduraram os inúmeros volumes

que compunham a bagagem de Needham em grossos bambus carregados nos ombros. Depois, o pequeno grupo começou a galgar os degraus — cerca de quinhentos, feitos de paralelepípedos de granito, com uns trinta centímetros de altura, os mais baixos cobertos de lama e limo por causa das alterações no nível do rio; os mais altos quentes e poeirentos, animados pela presença de vendedores ambulantes, pedintes e vigaristas ansiosos para enganar qualquer pessoa ofegante recém-chegada da beira do rio.

Quando chegaram ao topo, e à mais baixa das ruas escalonadas de Chongqing, Needham suava em bicas. Fazia cerca de 35 graus naquela tarde, e a umidade era tão alta quanto a do Mississippi em julho: ele tinha sido avisado de que Chongqing era uma das três maiores “fornalhas” do país. Mas sabia mais ou menos o que esperar. “O homem escolhido para ir à China”, dizia sua carta de indicação para a missão, “deve estar pronto para tudo.”

O motorista abriu a porta do jipe e começou a carregar a tralha de Needham. Tendo cumprido seu dever, Pratt, o emissário do rei, apertou a mão do visitante, repetindo canhestramente que esperava que ele fosse feliz na China, e que tinha sido um privilégio acompanhar um homem de tanto destaque. Bateu continência e esgueirou-se por uma rua lateral, onde um carro esperava por ele.

Needham pegou um cigarro de uma cigarreira que trazia no bolso da camisa, acendeu-o, deu uma tragada e olhou para o rio lá embaixo. A cena era impressionante: juncos, barcas de sal e sampanas seguiam seu caminho preguiçosamente pelo imenso curso, enquanto barcos armados de patrulha e navios-oficina da Marinha afrontavam com determinação a correnteza, empenhados em assuntos mais urgentes. O avião em que ele tinha chegado decolou com um rugido, subiu ligeiro e se distanciou, transformando-se num pontinho acima das montanhas que circundavam a cidade. Tudo que ele podia ver e ouvir debruçado sobre o terra-

ço — o apito da sirene de um navio cargueiro que passava, o ininterrupto som metálico das sinetas dos jinriquixás nas ruas próximas, a incessante algazarra de gritos e discussões vinda de dentro das casas ao redor dele, e ainda os cheiros, de incenso, do escapamento dos carros, de óleo de cozinha, de pimentas especialmente fortes, de dejetos humanos, de espirradeira e jasmim —, tudo servia para lembrá-lo de uma realidade terrível e esmagadora: ele finalmente estava ali, em plena China, com a qual tinha sonhado durante tanto tempo.

Tudo era tremendamente diferente do mundo que ele conhecia. Poucos meses antes, estava confortavelmente instalado no sossego de sua vida em Cambridge, onde passava os dias trabalhando em seu banco do laboratório ou estudando em seu pequeno conjunto de salas, no coração de uma universidade do século XIV. O mundo que ele conhecia era um lugar de jardins floridos ingleses, grama aparada, pátios cobertos de hera, uma velha capela, uma biblioteca com cheiro de couro e cera de abelhas e, vindos da cidade do lado de fora das muralhas, os sons suaves de relógios dando as horas e os quartos de hora em amigável discórdância. Era um paraíso de paz civilizada e reclusão acadêmica, de privilégio e privacidade.

E agora ele tinha sido levado para aquela cidade em ruínas, devastada por anos de guerra, um lugar ainda turbulento e confuso. Sentou-se no banco da frente do jipe, e o motorista deu a partida para a viagem de meia hora até a embaixada. A tarde estava no fim, o sol se punha atrás das colinas no céu escuro e enfumado e as lanternas se acendiam nas ruas mais escuras pelas quais passavam. Por toda parte havia edifícios destruídos ou em ruínas — os bombardeiros japoneses tinham atacado Chongqing mais de duzentas vezes nos três anos anteriores. Poucos prédios estavam inteiros e incólumes, e dezenas de milhares de pessoas continuavam morando em cavernas que tinham sido usadas como

abrigos antiaéreos — Needham pôde ver os buracos que serviam de entrada para as ribanceiras que ladeavam o caminho e, do lado de fora, os moradores apinhados como vespas.

As ruas estreitas, fervilhantes de lanternas, estavam cheias de bancas de vendedores ambulantes e abarrotadas de seres humanos, uma massa que se acotovelava e se agitava, aparentemente ocupada sobretudo em comer, cuspir, agachar-se, brigar e esperar. No início parecia que a multidão era formada de pobres e soldados de diversos exércitos. Havia rios de camponeses rudes, refugiados vindos do campo. Havia jovens soldados cansados, com o uniforme do exército nacionalista, que pareciam ter acabado de chegar da frente de batalha. Havia pelotões de cadetes do Exército de Libertação Nacional, todos eles muito mais disciplinados que os nacionalistas e preocupados em ficar do outro lado da rua, notou Needham.

Abrindo caminho entre eles havia legiões de mulheres, com crianças aos berros amarradas nos punhos, avançando com dificuldade pela multidão com sacolas de verduras compradas nos mercados das margens do Yangzi. Algumas tinham moedas de cobre suficientes para pagar pela ajuda de um *ban-ban*, mas a maior parte carregava sozinha as compras, enquanto bandos de desempregados com suas varas de bambu e cordas jaziam inúteis ao lado delas, reunidos nas esquinas, buscando trabalho aos gritos.

De vez em quando, ouvia-se o som irritado de uma buzina, e uma enorme limusine americana abria caminho impiedosamente no meio da multidão. O motorista era um chinês de expressão impassível e óculos escuros, e a passageira, invariavelmente, uma mulher jovem, bela, elegante, muito à vontade em seu *qipao* de seda justo, fumando um cigarro numa piteira de prata, indo ao encontro, quem sabe, de algum chinês rico que morava no alto das colinas da cidade. A multidão nas ruas ignorava solenemente a passagem do carro, e a massa se reconstituía atrás dele como a água corrente em volta de uma pedra.